

Pluralismo tecnológico e cosmologia: por uma nova filosofia da tecnologia na China



141

Hui, Yuk. 2016. *The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics*. Falmouth, Urbanomic.

ISBN: 978-0-9954550-0-9, 352 pp., 17,21€

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_42_7

Admitindo a pluralidade de regimes ontológicos e de formas de se relacionar com a Natureza — como sugerem alguns proponentes da chamada “virada ontológica” na antropologia, como Philippe Descola (2013 [2005]) e Eduardo Viveiros de Castro (2014 [2009]) —, será possível admitir uma pluralidade de regimes tecnológicos, solidários de tradições ontológicas e cosmológicas distintas? Esta é uma das questões centrais que atravessa o livro do filósofo chinês Yuk Hui, *The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics* (2016). O título do livro alude ao texto de Heidegger (1977 [1954]), no qual o filósofo alemão analisa a questão da téc-

nica como um dos problemas centrais da metafísica ocidental. Como muitos intelectuais asiáticos, conscientes do papel da tecnologia e da ciência moderna no processo de transformação dos ideais tradicionais, Yuk Hui compartilha da crítica heideggeriana à instrumentalização da Natureza, mas ao mesmo tempo julga que é necessário recontextualizar o problema, para produzir uma crítica imanente da modernidade, tomando a China como modelo. Este livro é uma leitura indispensável não apenas para os filósofos e antropólogos especialistas no estudo da cultura chinesa, mas também para aqueles interessados no problema da técnica em geral, na China ou alhu-

res, pois inaugura novos caminhos para pensar o problema da técnica em sua relação com outros aspectos da cultura, como a cosmologia.

Outro problema que o autor se coloca é o de explicar por que as técnicas se diversificam, assumindo formas e ritmos de desenvolvimento variados, em diferentes contextos históricos e geográficos, apesar da tendência universal para concretizar-se em artefactos mecanicamente eficazes, que exteriorizam funções do organismo. Este problema foi elaborado aproximadamente nestes termos pelo antropólogo e pré-historiador André Leroi-Gourhan (1971 [1943]; 1973 [1945]) há mais de setenta anos. Segundo o antropólogo, a “tendência” daria conta de explicar as convergências técnicas, uma vez que todas as culturas estão sujeitas às mesmas leis da matéria, que limitam o número de soluções possíveis para problemas técnicos semelhantes. “O facto técnico”, em contrapartida, tenta explicar a origem da referida diversidade. O facto técnico está ligado às contingências do meio interno (história e cultura) e externo (clima, geografia e relações internacionais) de cada sociedade. A interação entre ambos daria lugar a diferentes linhagens tecnológicas, que realizam a tendência num contexto histórico e geográfico definido. Yuk Hui considera que esta explicação não é completamente satisfatória e indica a necessidade de se pensar as técnicas em conexão com a cosmologia, um caminho que não foi suficientemente explorado por Leroi-Gourhan.

Ao contrário da tendência dominante de se pensar a técnica como um conceito universal e imanente a todas as sociedades, Yuk Hui propõe a hipótese de que o conceito de “técnica” nunca existiu na China, ao menos no sentido moderno. De facto, todas as culturas criaram meios eficazes para garantir a sua respectiva subsistência, mas o sentido ontológico que é atribuído à técnica na tradição ocidental não é tão simples de ser universalizado. Por definição, a técnica busca estabelecer o domínio instrumental da Natureza. Sendo assim, ela supõe a cisão ontológica entre a Natureza e a Cultura. Este modelo “naturalista”, para usar a classificação de Philippe Descola, teria triunfado no Ocidente somente a partir do século XVII, embora a técnica goze de um estatuto privilegiado no Ocidente desde a Antiguidade: a figura mítica de Prometeu, o herói que roubou o fogo dos céus para oferecê-lo aos homens, simbolizava a origem da técnica como uma transgressão da ordem divina. Nenhuma figura semelhante se encontra na cosmologia tradicional chinesa, onde a técnica não pode ser isolada do esforço para estabelecer a harmonia entre a ordem moral (a Terra) e a ordem cósmica (o Céu). Para dar conta desta relação, Yuk Hui cunhou o neologismo cosmotécnica.

Cada cosmologia inaugura uma maneira particular de conceber a relação dos seres humanos com a Natureza, cuja mediação prática se dá por meio da técnica. Neste sentido, o naturalismo é uma cosmotécnica particular, uma cosmo-

logia que concebe a técnica segundo o modelo da filosofia da Natureza. Em contrapartida, tanto o confucionismo quanto o taoísmo buscam integrar a técnica numa filosofia moral. Uma parte considerável do livro é dedicada a analisar a relação dialética entre termos centrais da filosofia chinesa, como *Qi* e *Dao*.¹ Ao invés de fazer uma exposição estática destes conceitos, buscando traduções aproximadas no léxico ocidental, Yuk Hui demonstra como eles assumiram sentidos diferentes ao longo da história, através da relação dinâmica com outros termos. O *Dao* é um dos princípios fundamentais da filosofia chinesa. O seu sentido original é “caminho”, mas esta definição não esgota o seu sentido metafísico. O mesmo é válido para *Qi*, que pode ser traduzido por “instrumento” ou por “utensílio”, mas que adquire uma conotação abstrata no jargão filosófico. Através deste fio condutor, o autor traça uma arqueologia do pensamento chinês sobre a técnica. Seu objetivo é compreender as razões culturais que fizeram com que a absorção da tecnologia moderna acabasse por produzir um conflito entre o pensamento e a prática, exemplificado no colapso da unidade entre *Qi* e *Dao*.

O processo de modernização e de globalização produziu nos últimos dois séculos uma sensação de desenraizamento, ligada à perda do fundamento

cosmológico. Segundo o autor, a modernidade aparece na China como o resultado de um processo exterior, que emerge do conflito entre duas historicidades distintas. Sob muitos aspectos, a tecnologia desenvolvida na China (da Antiguidade até o século XVI) foi mais “avançada” do que a tecnologia desenvolvida na Europa no mesmo período, mas o surgimento da ciência moderna modificou a relação entre a teoria e a prática, desencadeando um avanço tecnológico sem precedentes. É necessário compreender as causas que impediram que a ciência moderna surgisse na China e que, em última instância, determinaram a forma como ela foi absorvida. Como nota Yuk Hui, esta pergunta foi há muito formulada pelo sinólogo e historiador da ciência Joseph Needham (2013 [1969]). Needham oferece um retrato complexo da civilização chinesa e considera o concurso de múltiplas causas para esta relativa estagnação, dentre elas a organização económica e política. No entanto, a hipótese na qual Yuk Hui se detém é de natureza cosmológica. Needham apresenta a hipótese de que a ciência moderna não surgiu na China porque o pensamento tradicional, baseado num modelo “organicista”, era incompatível com a exploração sistemática da Natureza. No pensamento organicista, o universo é concebido à imagem do organismo: cada ser está ligado a todos os outros num sistema hierárquico de ressonâncias. A ciência moderna, em contrapartida, supõe a possibilidade de isolar os fenómenos para estabelecer uma relação

¹ Todas as expressões em chinês citadas no texto estão em Mandarim (Putonghua), a língua oficial chinesa, e foram transliteradas em Pinyin, o sistema oficial de romanização.

causal de natureza mecânica.

Após as derrotas nas Guerras do Ópio (1839–1842, 1856–1860), houve um esforço ativo para absorver a tecnologia ocidental, com o intuito de fortalecer o poder bélico. Inicialmente acreditava-se que era possível integrar a tecnologia sem abalar o sistema de pensamento. Alguns filósofos chegaram até mesmo a incorporar o vocabulário da física moderna para traduzir conceitos próprios da filosofia chinesa, produzindo verdadeiras quimeras metafísicas. Ao longo do século XX, diferentes movimentos reiteraram a necessidade deste esforço de “modernização”, acompanhados da tentativa teórica de conciliar o avanço tecnológico com o sistema de pensamento tradicional. Mou Zongsan (1909–1995) é uma figura central desse período e um dos maiores representantes do Novo Confucionismo. Ele se apropria do vocabulário kantiano para fundar uma metafísica moral coerente com os ideais do confucionismo (Billioud, 2012), mas este projeto idealista nunca foi adotado a nível institucional. A partir de 1949, a obra de Engels *A dialética da natureza* (2020 [1925]) torna-se o fundamento dos novos estudos sobre ciência e tecnologia na China, fortalecendo o projeto desenvolvimentista e a visão instrumental da Natureza.²

² Para Engels, o trabalho humano figura como etapa do movimento dialético de oposição e transformação interior à própria matéria, modificando a própria relação inicial do ser humano com a Natureza. Para uma discussão mais detalhada sobre a introdução e o impacto de Engels na China, ler:

A ênfase na produtividade e na eficiência, em detrimento dos aspectos morais associados às técnicas, causou uma inversão do sistema cosmotécnico. Aos poucos, o modelo organicista foi substituído pelo modelo mecanicista da ciência moderna e o discurso científico ameaçou tornar-se o único discurso válido para compreender a relação dos seres humanos com a Natureza. Como superar este conflito? A segunda parte do livro consiste numa tentativa de recriar uma cosmotécnica adequada para os tempos atuais, capaz de refletir sobre as questões ambientais, mas, como esclarece o autor, não se trata de um retorno a modos de pensamento tradicionais. Ao contrário da visão teleológica da tecnologia, que propõe um destino único para todas as culturas e que encobre as dinâmicas coloniais de dominação, Yuk Hui propõe um pluralismo tecnológico. A tecnodiversidade — conceito explorado em sua coletânea de artigos com o mesmo nome: *Tecnodiversidade* (2021) — é o correlato da biodiversidade no domínio da tecnologia, pois somente uma mudança de perspectiva sobre a relação entre Natureza e tecnologia pode prevenir o colapso ecológico do planeta.

Seguindo as reflexões de Bernard Stiegler, o autor propõe que a recusa de tematizar a tecnologia é um dos traços distintivos da modernidade, que culminou com os excessos da Revolução

Translating STS in China: disciplinary struggles and future prospects (Santos et al., 2023).

Industrial. A emergência da tecnologia como problema filosófico — a passagem do inconsciente tecnológico para a consciência reflexiva — é característica do período atual, afetando até as populações mais afastadas do nosso planeta, que também se veem diante do desafio de preservar as suas práticas e meios de subsistência tradicionais, apesar do avanço monolítico do capitalismo. A tecnologia deixa de ser uma força anônima, agindo subterraneamente apesar dos sujeitos, para se tornar um problema de ordem pública. Gerir os efeitos da modernidade e abrir novas formas de conceber o futuro é uma tarefa do nosso tempo. Não basta opor o local ao global, como uma forma passiva de resistência — visto que o local também é um produto da modernidade —, mas é preciso abordar o inconsciente tecnológico à luz das especificidades históricas e culturais locais, rejeitando o enquadramento da Natureza como uma fonte inesgotável de recursos.

Para Yuk Hui, a superação da modernidade implica uma pluralidade de ritmos tecnológicos, em oposição à sincronização mecânica da vida humana sob o eixo tecnológico global. A superação ou suprassunção (*Aufhebung*) da modernidade não se resume a uma alternativa entre a negação da tecnologia ou a negação da tradição. Ao invés de propor o retorno a uma suposta origem ou pureza cultural — movimento reacionário, adotado por Heidegger e pelos filósofos da Escola de Kyoto —, Yuk Hui propõe uma reapropriação e reinterpretação da tec-

nologia moderna por meio da tradição. Na China, a criação de novas escolas de pensamento emergiu sempre dos esforços para reinterpretar as categorias metafísicas tradicionais, como resposta a crises políticas e ideológicas. Yuk Hui faz o mesmo movimento, ao deslocar sutilmente o sentido de *Qi* e *Dao* para endereçar os problemas contemporâneos.

O penúltimo capítulo abre uma reflexão sobre o Antropoceno, momento em que as máquinas ampliaram o poder de atuação da humanidade sobre a Natureza, produzindo efeitos em escala geológica. Ao longo do século XX, a China conduziu um processo acelerado de industrialização, para se tornar um dos principais agentes de antropização da Terra. A China contemporânea, com as suas diversas tecnologias de automação, oferece uma imagem reveladora da modernidade, mas a ruptura forçada com a tradição é acompanhada de nostalgia pelo antigo ideal de harmonia entre o Céu (*tian*) e a Terra (*dì*). A tecnologia moderna tem consequências cosmológicas palpáveis, colocando em risco diversas formas e estilos de vida. As escolhas técnicas, portanto, não são redutíveis ao cálculo material. É preciso assumir a responsabilidade moral diante dos outros seres, para restituir o equilíbrio cosmotécnico. Para retomar o vocabulário taoísta, o caminho (*Dao*) não é um instrumento, um mero intervalo entre dois pontos, mas o instrumento (*Qi*) deve seguir o caminho, pois — como na cerimônia do chá ou na prática da caligrafia — o caminho é um fim em si mesmo.

Para além das longas digressões metafísicas, que talvez não interessem senão a alguns poucos leitores, a questão central do livro é uma questão eminentemente antropológica, que pode abrir novos programas de pesquisas, a saber: como diferentes cosmologias conceitualizam a relação com a tecnologia, e como as práticas tradicionais podem ajudar a enfrentar a crise ambiental? O livro possui uma dimensão programática e oferece mais problemas do que soluções, mas por isso mesmo é um livro fecundo, digno de ser lido.

Referências bibliográficas

- Billioud, S. 2012. *Thinking through confucian modernity: a study of Mou Zongsan's moral metaphysics*. Leiden, Brill.
- Descola, P. 2013 [2005]. *Beyond nature and culture*. Chicago, Chicago University Press.
- Engels, F. 2020 [1925]. *Dialética da natureza*. São Paulo, Boitempo.
- Heidegger, M. 1977 [1954]. *The question concerning technology and other essays*. New York, Garland Publishing: 3–35.
- Hui, Y. 2021. *Tecnodiversidade*. São Paulo, Ubu.
- Leroi-Gourhan, A. 1971 [1943]. *L'homme et la matière*. Paris, Albin Michel.
- Leroi-Gourhan, A. 1973 [1945]. *Milieu et technique*. Paris, Albin Michel.
- Needham, J. 2013 [1969]. *The grand titration: science and society in east and west*. London, Routledge.
- Santos, G. D.; Sharif, N.; Xing, J. L. 2023. Translating STS in China: disciplinary struggles and future prospects. *Engaging Science, Technology, and Society*, 9(1): 23–49.
- Viveiros de Castro, E. 2014 [2009]. *Cannibal metaphysics: for a post-structural anthropology*. Minneapolis, Univocal Publishing.

Ernst Loreto

CIAS – Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde
Departamento de Ciências da Vida
Universidade de Coimbra
ernst.s.loreto@gmail.com
Orcid: 0000-0002-5028-6065